

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—

34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1165

10 de Maio de 1911

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

A sobriedade do português é uma coisa que não soffre discussão. E' indiscutível.

Outros povos têm sido, ou são, ou hão-de vir a ser victimas dos seus exageros: o hespanhol arruina o estomago pelo coloráu; a banbochata, ao francês, amolece a espinha; a pinga, bem graduada de alcool, estropia o anglo-saxão; e quem ao chim tire da bôca a boquilha do opio, tira-lhe tudo.

Experimentem porém o português na provação de todas as ninguas. Deixem-no ficar uma noite inteira ao relento, acocorado contra uma esquina, em dezembro, sem manta nem capote em que se embrulhe — e elle passará ahi e assim, a noite, tão bem como a teria passado num quarto do Bragança, com as janellas sem frinças, édretons de pennas, e entre bons lençóes. Tope a noite levará a sonhar que se está no fim do verão, e elle se passá-lo em Cintra, á sombra d'arvores, ouvindo o murmurio de cascatas. E o que elle, em sonhos, julgar ser o murmurio de cascatas, será o beiral do telhado a pingar-lhe em cima...

Aguardem o anno que vae mau para as vinhas, deixem passar a vindima, a faina do lagar, a pisa, a trasfega, e vejam a cara que elle faz quando, entrando jovialmente na taberna que primeiro poz o ramo de videira á porta em signal de vinho novo, e ao mandar saltar meio litro, lhe observa o taberneiro que é a quatro vintens o litro. Olhem bem para elle: nem pestaneja. Se jovial entrou, jovial se fica. Está o vinho mais caro? Melhor, que se bebe menos. E em vez de meio litro, dois decilitros o contentam.

Façam monopolio da carne, consintam ao cortador que em cada kilo do assem, da alcatra ou do pojadouro, impinja ao magro freguez tresentas grammas de oso, e pelo peso lhe leve deseseis vintens ou desoito. Elle nem pegará num peso de dois kilos de cima do balcão para dar com elle na testa ao cortador, nem sequer ao cortador chamará ladrão.

Apenas delibera não comer mais carne, e se outra vez tem de tornar a fazer caminho por ali, passa de largo, receando sempre que o homem do talho lhe saia de lá armado de choupa com o abata, para depois o cortar em pedaços, pendurá-lo nas fateixas e vende-lo por vaca!

Não se pôde comer carne? Come-se peixe. E se ao peixe, em

muitos dias, só os ricos chegam, come-se hortaliza, feijão, batatas.

Levem as coisas a ponto de o pôrem a pão e laranja, que é a expressão da ultima miseria de bôca, ainda mesmo estando o pão caro como está e só nos deixarem os exportadores da fructa o rebotalho da laranja. Elle se deixará pôr a pão

e laranja, não direi já sem um certo esmorecimento, ou falha de alegria, o que é dado a barriça vasia, mas sem por isso rememorar a revolta do Vinagre.

Carreguem-lhe o custo de todo o genero, reduzam-lhe a porção de toda o alimento, expremam-lhe tudo e expremam-no a elle mesmo. Amachuem-no á condição extrema em que, não podendo já o corpo receber, por já não lh'o darem, aquillo que, ido cá de fóra, vae ampará-lo lá por dentro, começa então a produzir-se o chamado fenomeno da autofagia, que outra coisa não é senão pôr-se o sujeito a mastigar-se a si mesmo e a palitar-se em imaginação!

Tudo o que quizerem — menos uma coisa: não lhe hão-de tocar na filarmonica! Quer dizer — lá poder tocar, podem; mas hão-de tocar cornetim, clarinete, trombone, flauta, aquillo que mais fór preciso ou para que mostrarem melhor embocadura. Até bombo ou pratos que não é nenhum despreço.

A filarmonica é o seu fraco. A filarmonica é o seu forte. O seu grande vicio se quizerem; mas quer o queiram quer não, uma das suas grandes virtudes.

A mais intensa, mais viva, mais vibrante expressão da alegria portuguesa é a filarmonica. A estudante, a tuna, o sol-e-dó são tudo pieguices, sem côr e sem animação, que só servem para reuniões particulares, recitas de amadores sociedades dançantes onde a gente se aborrece. Ninguém peça ao instrumento de corda aquillo que elle não pôde dar.

Serão a viola, a guitarra, o bandolim, o cavaquinho muito bons para o fado, para a seguidilha, para a reverie, para a serenata, para a olheira e para o namoro, para a tisica e para o rapto — mas não são bons para mais nada. Tirem á guitarra, por exemplo o panno de fundo de um choupal do Mondego esbranquiçado de luar, ou o reprego d'uma viela da Mouraria por sombras de noite alta — e era uma vez uma guitarra!

Ao passo que o instrumento de sopro e o instrumento de pancada servem para tudo, para a festa rija como para a festa amena, para o salsifré como para o arraial, para a alvorada como para fogo preso, para a simfonia como para o final da opera, para o passo-dobrado como para a marcha heroica, para a Maria da Fonte como para a Maria Caxuxa, para o Himno da Carta como para o Noivado do Sepulchro.

O instrumento de corda não passa de um devaneio, uma paixão em surdina, um mal do peito, ou simplesmente um defluxo.



UM RETRATO

QUADRO DE COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, EXPOSTO NO «SALON» DE PARIS

O instrumento de sôpro implica já uma optima funcção de saúde; e o instrumento de pancada é, concomitantemente, uma necessidade musical e um derivativo fisiológico: o bombo é sempre um irritado; o tambôr é sempre um frenético.

Ponha-se a banza ao lado do cornetim e veja a diferença: a banza é mollenga, chlorotica, densosa; o cornetim esperto, vermelho, empertigado. Está a banza a tocar mesmo aqui ao pé, e é preciso, para bem a ouvir, aproximar mais o ouvido. Chega-se um sopro ao bocal do cornetim e logo elle desprende uma enfiada de notas claras e brilhantes como um canto de gallo num jubilo de alvorada!

A filarmonica é, na vida portugueza, um elemento constantemente activo da vitalidade e rejuvenescimento. O portuguez, que não tem afinado o sentimento da musica como o tem, por exemplo, e mais que nenhum outro, o italiano, associa sempre a musica a todas as suas grandes alegrias como a todas as suas grandes desgraças. A mãe que toda se desvaneca de contentamento sôbre o berço em que embala o filho rubicundo de saúde, adormece-o com a musica; a esteril mulher do fado, debruçada sobre a meia porta do seu antro de miseria, vae pondo em musica e canta a quem passa a lastima da sua deshonra. Mas a musica instrumentada para a filarmonica e executada pela filarmonica é que lhe enche, verdadeiramente, as medidas.

E aqui para nós, que nenhum rabecão nos ouve, a verdade é que não ha nada que chegue a uma filarmonicinha bem ensaiada, bem fardada, a acertar bem o passo por essas ruas da cidade ou pela estrada fóra que leva da villa onde ella tenha a sua séde á aldeia que a convidou para lá lhe ir tocar á festa...

Rapazes, ella ahi vem!

E' a dos regeneradores ou a dos progressistas? Seja qual fór, tanto faz ao caso. E' a filarmonica! A politica pode ter musica, mas a musica é que não tem politica. Euterpe é extra partidaria. Tanto nos faz que a filarmonica seja a *União e Capricho*, que anda toda a noite a tocar quando os amigos do Fontes venceram as eleições, como seja a *Reciprocidade e Harmonia*, que anda a tocar toda a noite se e triumpho foi todo para a gente do Braancamp.

Toquem elles na perfeição que é o que a gente quer.

Não ha banda militar que os desbanque nem na certesa da marcha em alas paralelas, nem no irreprezível aceio do fardamento, nem no empenho com que foi puxado o brilho aos metaes e o lustro ás botas, nem no compasso, nem no desempenho.

Reparem vossês para a seriedade d'aquelle trombone; olhem agora o gosto com que o clarinête chupa a sua parte como se fosse a chupá-la d'uma canna de assucar; vejam-me as bochechas d'este cornetim, como luzem, e a graça pastoril com que este outro cóspe no buraquinho da flauta!

O musico da banda regimental tóca bem porque é obrigado a tocar bem. Se desafinar, o coronel castiga-o. Toca admiravelmente, porque tem medo da pelle. O socio da filarmonica, não. Quando se chega a dizer d'elle que toca que é um mimo, só elle e os vizinhos d'elle é que sabem quantas noites lhe foi preciso passar em claro para acertar com aquella mazurka ou com aquellas variações, que são o beijinho dos repertorios de arraial, das tardes de domingo no passeio publico, das noites de nortada do 1.º de Dezembro em frente do Club Patriótico, todo illuminado a lanternas com vellas de estearina. Chega a tocar admiravelmente — por brio.

Existe na Outra Banda uma filarmonica que se chama a *Incrível Almadaense*. Bem posto nome! Mas o exclusivo de incrível que essa se arrogou e que hoje já ninguém lhe contesta, é que não tem razão de ser: porque incríveis são, em boa verdade, todas as filarmonicas de Portugal. Incríveis, por tudo aquillo que nellas ha de força de vontade, de obediencia ao almirante, de sentimento do compasso, de pertinacia no ensaio, de animação e variado repertorio.

A' frente da filarmonica, quando ella passa em alas, de calça branca vincada, cabeça alta, lyra d'oiro no bonet de pala, pimpante e reluzente, só deixa o preconceito que corra a garotada effusa, pulando de contente.

Mas atrás da filarmonica todos nós corremos, e vamos para onde ella fór, sob o céu azul e o dardejante sol, entre explosões de bombas, risadas de fegetes, estoiros de morteiros — para a romaria e para o facto historico, para a procissão e para os toiros, para o bodo e para a Representação Nacional, para o baile campestre e

para a reivindicação. E isto hoje, hontem, amanhã e sempre!

Sempre—não! Porque lá vem um dia em que as coisas se trocam, e em vez de sermos nós que vámos atrás da filarmonica, é ella, a filarmonica, que vae atrás de nós: a calça preta, a lyra do bonet envolta em crepe, o bombo silencioso, vagaroso o passo, e os metaes, embaciados, a soluçar Chopin...

A marcha funebre de Chopin!

JOÃO PRUDENCIO.



Um quadro de Columbano no «Salon»

Mais uma vez o nosso inimitavel pintor Columbano Bordallo Pinheiro expõe suas obras no *Salon*, onde são sempre recebidas com alto apreço, pela notavel individualidade artistica que representam.

Columbano é, pois, já bem conhecido naquelle grande centro da Arte, onde foi premiado com a grande medalha de ouro, pelo quadro que ali apresentou, em tempo, *Santo Antonio*.

Agora apresenta ali um retrato de Senhora, que reproduzimos na gravura da primeira pagina, e que é mais uma das suas obras notaveis, e inconfundiveis, que está despertando as atenções de quantos visitam o *Salon*, e de que a imprensa parisiense se tem com justiça ocupado.



Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

Da Bahia ao Rio de Janeiro

Estando tudo preparado para a partida suspendemos pelas 9. h. e 30 m. da manhã do dia 9 de janeiro e com tempo de muito boa apparencia começámos a navegar por 15° SW. ao longo da costa em direcção ao Rio de Janeiro.

De tarde, durante uma hora aproveitámos o estar mar plano e a proximidade do equador magnetico, para fazer uma nova tabella de desvios para a agulha padrão (Lord Kelvin) e compensar a agulha do tombadilho (Hazzanith). Viram-se muitas baleias e peixes voadores.

No dia 10 ao meio dia começámos a navegar só com uma caldeira para observar se o consumo do combustivel por milha poderia descer abaixo dos 70 kilos que já conseguimos com as duas caldeiras.

O tempo continuou muito bom. A' 1 h. e 30 m. marcámos a oeste o farol dos Abrolhos e alterámos o rumo para continuar ao longo da costa.

Ao amanhecer do dia 12 avistámos pela amura de estibordo e ás 7 h. da manhã debaixo d'um cerrado nevoeiro, com o auxilio do prumo Thomson dobrámos o Cabo Frio e seguimos em direcção á entrada do Rio de Janeiro.

Depois, do Cabo Frio começámos a communi-car com o Rio de Janeiro, prevenindo o Ministro de Portugal da nossa proxima chegada. Ao entrar



ENTRADA DO RIO DE JANEIRO



RIO DE JANEIRO — A ENSEADA DO BOTAFOGO

no porto vieram esperar-nos algumas lanchas a vapor com associações portuguezas. Em frente do forte de Villegaignon salvámos á terra e pouco depois ao almirante Bacellar, embarcado no couraçado *Deodoro*, salvas que nos foram immediatamente retribuidas. Pelas 2 h. e 30 m. amarrámos a uma boia que nos foi mandada offercer pelo Almirante.

Apenas no Rio de Janeiro amarrámos á boia perto da ilha de Villegaignon, que o almirante nos mandou offercer, vieram a bordo cumprimentar-me o Ministro de Portugal conde de Selir, meu amigo de alguns annos, addido José Lampreia, Direcção da Associação de Beneficencia Portugueza e officiaes representando as tres divisões da esquadra brasileira, couraçados, cruzadores e torpedeiros. Debaixo d'uma forte trovoadá retribui as visitas a bordo dos couraçados *Deodoro* e *Floriano*, cruzador *Republica* e chefe dos torpedeiros transporte *Andrada*. Retribui em seguida em terra a visita do nosso Ministro.

No dia seguinte vieram a bordo, jornalistas, reporters, representantes de associações portuguezas, actores e actrizes portuguezas, etc.

Acompanhado do Ministro e seu secretario, visitei os ministros da Marinha, Alencar, e dos Estrangeiros, Rio Branco, Chefe do Estado Maior da Marinha, Intendente do Arsenal, Associação de Beneficencia Portugueza, Caixa de Soccorros D. Pedro V, Gabinete de Leitura, Associação de Soccorros Conde de Mattosinhos e S. Cosme do Val, etc., etc.

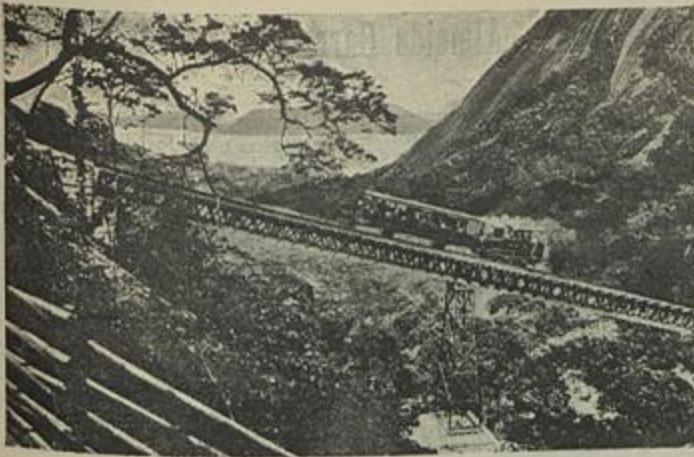
A, 14 acompanhado do nosso addido Lampreia, visitei as redacções de todos os jornaes, o que ali parece ser uso fazer-se.

No dia 15 fomos recebidos em audiencia especial pelo presidente da republica que na sua conversa fez referencias muito agradaveis a Portugal e á Familia Real Portugueza, e em seguida visitámos o ministro dos Estrangeiros que foi para conosco d'uma grande amabilidade, indo pessoalmente mostrar-nos os salões do Palacio e a nova Bibliotheca do Ministerio onde tivemos occasião de observar a interessante collecção de cartas que aquelle ministro tem adquirido ou mandado reproduzir para servirem nas questões de limites de que tem sido encarregado.

A 16, realisou-se em nossa honra uma grande festa no bello edificio da Beneficencia Portugueza, havendo missa, almoço, onde se trocaram affectuosos brindes e visita ao Hospital. No mesmo dia assistimos a uma reunião da Assembléa Geral da Caixa de Soccorros D. Pedro V á qual tive a honra de presidir a convite da Direcção. A concurrencia de visitantes a bordo n'este dia foi verdadeiramente extraordinaria. Estiveram certamente a bordo muitas mil pessoas, trazidas para bordo em botes e em vapores que faziam carreiras entre o caes Pharou e o *S. Gabriel*.

No dia 17 pelas 11 horas da manhã, sahiu para exercicio a esquadra brasileira sob o commando do almirante Bacellar. Compunha-se dos seguintes navios: couraçados *Deodoro* e *Floriano*, cruzadores *Republica*, *Tupi*, *Tybira*, seis novos contra-torpedeiros e corveta *Escola Primeiro de Março*.

No dia 18, acompanhado por vinte officiaes e aspirantes fomos, a convite do Visconde de Moraes, visitar os seus estaleiros de Nichteroy, onde cons-



SUBINDO O CORCOVADO

troe e repara os vapores que fazem o serviço entre o Rio de Janeiro e Niteroy, vapores a que aqui chamam *barcas* e depois em tramway electrico percorremos as lindas bahias entre Niteroy e o forte de Santa Cruz. Depois d'esta interessante excursão voltámos ao Rio de Janeiro e seguimos em automoveis para o Hotel dos Estrangeiros, onde pelo mesmo sr. Visconde de Moraes nos foi oferecido um almoço. No theatro Recreio houve uma recita em honra do S. Gabriel.

Tinha sido convidado para um jantar em Petropolis oferecido pelo Ministro dos Estrangeros Rio Branco, mas esta festa não poudo realisar-se por causa do fallecimento do sr. J. Nabuco, embaixador do Brazil nos Estados Unidos.

A colonia portugueza offereceu-nos no dia 19 uma linda excursão e almoço no Corcovado, do alto de cujo monte se disfructa um panorama surpreendente. Ao almoço estavam 160 pessoas e como de costume trocaram-se muito affectuosos brindes. Presidiu o sr. Conde de Selir, nosso Ministro, tendo-me á sua direita. A' noite houve uma recita em nossa honra no Theatro Apollo e um baile em casa do Conde Fernando Mendes d'Almeida.

No dia 20 recebi a bordo a direcção da Associação de Beneficencia Conde de Mattosinhos e «S. Cosme do Val» e em seguida, acompanhado de alguns officiaes, fomos tomar parte nas festas da fundação da cidade do Rio de Janeiro por Estacio de Sá, festas para as quaes fomos convidados pelo Prefeito. N'um dos Pavilhões da Exposição na praia Vermelha, realisou-se um grande almoço ao qual presidiu o Perfeito da cidade, tendo á sua direita o Conde de Selir, e de tarde tomámos parte n'uma romaria ao Morro do Castello onde se encontra, sepultado na igreja, Estacio de Sá. O celebre orador brasileiro Coelho Netto, pronunciou um brilhante discurso no qual se referiu d'um modo muito lisongeiro ao nosso paiz e á Marinha Portugueza. A' noite houve uma sessão de gala no Theatro Municipal, á qual assisti acompanhado pelo Conde de Selir.

No dia 21 mettemos a bordo 278 toneladas de carvão Cardiff que, postas nos paioes pelos fornecedores, importaram em 390 libras. Despedi-me dos Ministros da Marinha e dos Estrangeiros e á noite realisou-se na Legação de Portugal um jantar de 22 talheres dado em nossa honra, para o qual foi convidado o elemento official.

No dia da nossa partida do Rio de Janeiro (22 de janeiro) convidei a almoçar a bordo o nosso Ministro Conde de Selir, addido Lampreia, os Condes de Avellar, representantes da Colonia Portugueza e Mr. e Madame Freitas Lima como representantes da Sociedade Brasileira.

Do Rio de Janeiro a Santos

Ás 4 h. e 30 m., com optimo tempo, largámos da boia e começámos a navegar em direcção a Santos.

Durante a nossa permanencia no Rio de Janeiro, substituímos 15 tubos dos condensadores, fazendo em seguida uma experiencia com pressão que deu bom resultado. O escaler a vapor perdeu duas abas da helice, que desde a Bahia estavam fendidas e á casa Wilson foi encomendado um novo helice, que deverá ser enviado para Buenos-Ayres. Ficou em tratamento no hospital da Beneficencia o cabo fogueiro 1257 Ar-

mando de Almeida e faltaram á sahida os grumetes artilheiros n.º 5081 José dos Santos e 5316 Abilio Augusto Claro. Sahimos ás 4 h. e 30 m. da tarde. A' passagem do navio, içou o signal de boa viagem a fortaleza de Villegaignon dando a guarnição vivas que fôram correspondidos de bordo do S. Gabriel. Com bom tempo navegámos ao longo da costa em direcção a Santos.

Estivemos em comunicação por meio do telegrapho sem fios com a Estação da Fortaleza de Santa Cruz e por este meio agradecemos um telegramma de boa viagem, que antes da partida recebemos do sr. Aragão, secretario particular do Ministro dos Negocios Estrangeiros.

Ás 3 h. e 30 m. da manhã de 23 avistámos pela prôa o farol do Boi que ás 5 h. e 30 m. marcava pelo travez e ás 11 h. e 30 m. entramos a barra de Santos onde pouco depois de recebermos o pratico fundeámos a pedido da Comissão dos festejos que nos desejava vir receber. Á 1 h. e 15 m. suspendemos, e seguidos por sete rebocadores, carregados de gente e tendo banda de musica a bordo, barcos automoveis e *out-riggers*, subimos o rio e fundeámos pelas 2 h. e 15 m. em frente da cidade de Santos.

Apenas fundeámos em Santos, vieram a bordo o consul de Portugal, Barão de Lourenço Martins e o Capitão do Porto que em seguida fui visitar.



A CIDADE VISTA DO CORCOVADO

No dia 24 veio cumprimentar-me o Presidente da Camara Municipal e em seguida acompanhado pelo Consul visitei em terra o Presidente da Camara Municipal, o Inspector da Alfandega, Associação Commercial, Delegacia de Policia, Juizes de Direito, Santa Casa, Real Centro Portuguez, Beneficencia Portugueza e os jornaes *Diario de Santos*, *Tribuna do Povo*, *A Tribuna* e o *Colonial Portuguez*.

Recebi comunicação official do Rio Grande informando-me ser impossivel passar a barra sem perigo, com calado superior a 13 pés. Em vista d'isto telegraphiei informando Sua Ex.^a o Major General d'esta circumstancia e comunicando que seguiria directamente para Montevideu.

A' noite houve uma recita por amadores e um baile no Real Centro Portuguez, em honra do S. Gabriel.

No dia 25 foi-nos offerecido um almoço na praia do Gurujá, a meia hora de Santos em tramway a vapor, e de tarde uma tourada.

Acompanhado de tres officiaes fui n'esta tarde para S. Paulo, onde, apesar de não ir com caracter official, me esperavam na Estação, um official ás ordens do Presidente do Estado, o encarregado de Negocios Consulares de Portugal e muitos portuguezes.

Regressámos de S. Paulo na manhã de 26 e n'esse mesmo dia tencionava partir para Montevideu. Rebutára porém o

conductor de vapor para os auxiliares de ré e teve de ser addida a partida afim de effectuar a necessaria reparação. Ás 6 h. da tarde de 27 concluiu-se a reparação e em seguida suspendemos a braços e navegamos com o leme de mão, para não perder tempo enquanto se montava a canalisação dos auxiliares.

De Santos a Montevideu e Buenos Ayres

Sahimos a barra pouco depois das 7 horas da tarde e tivemos occasião de observar bem que as boias luminosas vermelha e verde estavam apagadas. As boias são pequenas, pouco visiveis, muitas vezes não estão no seu logar e quando devem ter luz estão apagadas. Fôra da barra navegámos por 10º SW. para safar das ilhas da Lage e Queimada. O farol da Lage, que deve ter o alcance de 17', não foi por nós visto apesar de termos passado a umas 10 milhas d'elle. Ás 10 da noite, fôra de todos os perigos, soltámos o rumo ao longo da costa.

Em Santos, ficou no Hospital da Beneficencia Portugueza o 2.º artilheiro 3870 e faltaram á sahida o 2.º artilheiro 3927 e grumete artilheiro 5340. Deixei pois ao todo no Brazil seis praças, Com uma velocidade d'entre 12 e 12,5 e com lindo tempo e mar plano navegámos ao longo das costas do Brazil e Uruguay até ás 9 h. da manhã do dia 30 em que nos approximámos da costa e avistámos o farol do Cabo Polonio que ás 10 h. estava pelo travez a 4'. O tempo tornou-se encoberto, o barometro baixou e o vento que era NE rondou para o NW e WSW acompanhado de aguaceiros que por vezes muito encurtavam o horizonte.

Ás 3 h. e 30 m. passámos o canal da ilha do Lobo e pouco depois mettiamos o pratico.

Ao anoitecer avistámos o farol de El Cerro e ás 9 h. e 30 fundeámos fôra do porto artificial de Montevideu em 4 braças de fundo com 50 de amarra. Vento muito fresco do quadrante SW e em terra içado o signal de temporal do Sul. Ás 6 da manhã de 31 veiu para bordo o pratico do porto artificial, ás 8 salvámos á terra e em seguida entrámos para dentro do molhe onde amarrámos com 45 braças de cada ferro.

Pouco depois de amarrarmos no porto interior de Montevideu, vieram a bordo um official da parte do Commandante da Marinha e capitão do Porto Lyons, um outro do cruzador *Montevideu* e o consul de Portugal Borges de Castro.

Mais tarde veiu cumprimentar-me a Direcção da Beneficencia Portugueza. Depois de retribuir estas visitas fui com o consul e dois officiaes ao Palacio do Governo cumprimentar os Ministros da Guerra e Marinha, e dos Estrangeiros que fôram d'uma extrema amabilidade para conosco.

No dia 1 de fevereiro acompanhado do sr. Pareja, introductor de Embaixadores, do Consul de Portugal e de mais dois officiaes fui á praia dos Pocitos onde me recebeu em audiencia especial o sr. Williman, presidente da Republica Oriental do Uruguay. Representou esta recepção uma grande deferencia para com a nação portugueza, por isso que ultimamente o Presidente nem mesmo aos Ministros alli acreditados tem querido receber, devido ao muito trabalho e preocupação que causa aqui ao Governo a revolução que existe actualmente no interior. Tem havido ultimamente



TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

A recita dos alumnos do Conservatorio no Teatro Nacional «Almeida Garrett»

varios combates entre os revoltosos e as tropas do governo, tendo chegado alguns comboios de feridos durante a nossa permanencia em Montevideo. Os pequenos navios que o Uruguay possui estão todos em serviço no rio fiscalizando a fronteira da Argentina, pois é voz geral em Montevideo que o Governo Argentino auxilia os revoltosos, favoráveis á preponderancia Argentina e contrários á actual «entente» com o Brazil.

Por ordem do Presidente conduziu-nos o sr. Pareja ao novo e luxuoso hotel—Parque-Hotel—situado na praia Ramirez onde nos foi offerecido um chá. Visitámos o Club Uruguay, d'onde fomos feitos socios honorarios e á noite convidaram-nos para uma soirée no Parque Hotel. Durante a nossa permanencia em Montevideo o nosso consul convidou-me todos os dias a mim e



OS INTERPRETES DO «EL-REI SELEUCO»

Dantas, festejado escritor dramatico e professor do Conservatorio.

O sr. Dantas, com a sua paixão pelo teatro, a que tem dedicado o melhor do seu talento, escolheu no teatro classico portuguez, o *Monologo do Vaqueiro* de Gil Vicente, o *Auto do Rei Seleuco* de Camões, o *Fidalgo Aprendiz* de D. Francisco Manuel de Mello, e a *Vida de D. Quixote* de Antonio José da Silva.

Para melhor conhecimento do publico e ainda dos noveis actores que as desempenhavam, convidou o sr. dr. Lopes Vieira para fazer uma preleção sobre a obra de Gil Vicente; o sr. Abel Botelho, outra sobre D. Francisco Manuel de Mello; o sr. Coelho de Carvalho, sobre Antonio José da Silva, e o sr. Lopes de Mendonça, sobre Camões.

Destas preleções ou conferencias, só se realisaram as



CENAS DO «FIDALGO APRENDIZ» DE D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO

a dois officiaes para jantar. No dia 2 fomos a um baile de mascaras nos Pocitos para o qual foram convidados por uma Commissão de Senhoras que o organisou, todos os officiaes e aspirantes do *S. Gabriel*.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata



A recita dos alumnos do Conservatorio no Teatro Nacional Almeida Garrett

Na noite de 29 de abril realisou-se no Teatro Nacional Almeida Garrett, uma recita pelos alumnos do Conservatorio, que foi como que uma prova do seu aproveitamento, prova preparada pelo sr. dr. Julio



TEATRO DA REPUBLICA — GRUPO DAS «TIPILES» DA COMPANHIA DE ZARZUELA

duas primeiras, não tendo logar as outras por incomodo de saude dos conferentes.

Foi uma bela noite de arte aquella no Teatro Nacional. O repertorio classico portuguez sahiu, acaso, do esquecimento a que tem sido votado, e se bem que elle não seja de molde para o teatro moderno, nem por isso é elemento de estudo para despresar, na formação de artistas que se dedicam á difficil arte de Talma.

Os noveis actores houveram se como poderam, o que não quer dizer que alguns não se distinguissem.

Os discipulos do Conservatorio que tomaram parte nesta recita foram os srs.: Reynaldo de Azevedo, João Rodrigues Henriques, Joaquim Almada e D. Ilda Ferreira (3.º anno); Carlos Azumbuja e D. Marina Rodrigues (2.º anno); Othello

Membros do Congresso algodoeiro, em Lisboa



CONGRESSISTAS DE VISITA NA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA, COM A COMISSÃO DE RECEPÇÃO

Fernandes de Carvalho, Felix do Amaral, Arthur Dyonisio Matheus, Armando Gomes de Sousa, D. Sarah de Lima, D. Beatriz de Almeida e D. Justina de Magalhães (1.º anno).

Os alumnos foram ensaiados pelo professor do Conservatorio sr. José Antonio Moniz e pelo actor de primeira classe aposentado, o sr. Carlos Posser.

São dignos de aplauso todos os esforços empregados para levantar o teatro português, cuja decadencia é, infelizmente, bem visivel.



A zarzuela no teatro da Republica

Estreou-se em a noite de 4 do corrente a nova companhia de zarzuela no teatro da Republica.

E' sempre um acontecimento alegre do anno esta estreia que o sr. Visconde de S. Luis de Braga prepara com a sua grande competencia de empresario de teatro. Na companhia deste anno vieram além da conhecida e já apreciada *tiple* Pilar Marti, mais outras artistas novas, Esperanza Martin, Angeles Moraes, Luiza Pujol e Asuncion Mendez.

Trazem algumas peças novas e o publico vae todas as noites enchendo o teatro e aplaudindo as filhas do Cid, que com tanta gracia o atraem.

Membros do Congresso Algodoeiro, em Lisboa

Chegou a quadra do anno dos congressos, e Lisboa começa a receber as visitas de estrangeiros, que nestas digreções annuaes percorrem as primeiras cidades do mundo, no duplo fim do — util e agradável — tratarem de negocios ao mesmo tempo que se divertem e contraem novas relações.

De ha meia duzia de annos a esta parte, Lisboa entrou em o numero das primeiras cidades dignas destas reuniões, para o que lhe não faltam belesas naturaes do país, nem interesse commercial pela situação geografica do seu porto, como caes da Europa, talhado para ser o Porto Franco de todo o comercio da America e Africa.

Esta indicação natural, tem sido, infelizmente, despresada pelos nossos governos, mas agora que a Republica se propõe a crear uma patria

nova, é de esperar que aproveite este grande elemento de prosperidade e vida para o nosso país

A reunião de congressos em Lisboa prova bem o acerto exposto, acrescendo a vantagem de os estrangeiros nos poderem avaliar melhor, de *visu proprio*, destruindo, por ventura, juizos desfavoraveis a nosso respeito, muito especialmente no momento em que tantas más versões tem corrido por esse mundo fóra com relação a Portugal.

Os congressos começam a succeder-se em Lisboa com certa frequencia, e emquanto se prepara para receber os *touristes* que vem realizar o seu quarto congresso nesta capital, foi visitada, nos primeiros dias deste mez, pelos congressistas algodoeiros, de passagem para Barcelona onde vão reunir-se.

Em numero de 92, contando 30 senhoras, foram nossos hospedes durante quatro dias: sir Charles Macara, de Inglaterra; John Syz, da Suisa; Casimir Berger, da França; B. Tatescal, de Inglaterra; Arthur Veuffler, da Austria; J. de

Hemptime, da Belgica; E. Calvet, de Espanha; S. Milius, de Italia; S. Wadia, da India; S. Watanabe, do Japão; Nicolas Moronoff, da Russia, e Jacintho de Magalhães, de Portugal, do *comité* internacional.

Acompanhando os congressistas vinham os secretarios srs. John Semethurst, Arno Schmit e Charles Davidson, com o delegado da imprensa inglesa sr. W. A. Balmfoth.

Estes congressistas foram recebidos por uma comissão da Associação Industrial Portuguesa, auxiliada pe-

Uma nova industria em Portugal



FABRICA DE ESPARTILHOS DOS SRS. SANTOS MATTOS & C.ª, NA AMADORA — UMA DAS OFICINAS

lo sr. Jacinto de Magalhães, delegado português, ao congresso e grande industrial do Porto, proprietário da conhecida *Fabrica Jacinto*, que occupa 3:000 operarios, e mais pelos srs. Francisco de Oliveira, diretor da Companhia de Fiação *Rio Ave*, e Felix Torres, presidente da Associação Industrial Portuguesa.

Na sede da Associação Industrial tiveram os congressistas recepção condigna, os quaes foram tambem recebidos pelo presidente do governo provisório, na Sala do Conselho do Ministerio do Interior, e nos Paços do Concelho pela vereação de Lisboa, onde lhes foi preparado um sarau e ceia volante.

A convite da mesma Associação Industrial foram os congressistas ao Monte Estoril, onde lhes foi servido almoço, e depois visitaram Cascaes e a Boca do Inferno.

Um passeio a Cintra foi a chave de ouro com que se encerrou a recepção aos congressistas, pois não só a belesa do logar é o encanto de todos os visitantes, mas ainda puderam apreciar o historico palacio de Cinira, cujas obras de arte ali existentes fizeram a sua admiração, como o palacio da Pena, esse monumento de arte a coroar a pitoresca serra é um deslumbramento. Ali foi servido aos congressistas um almoço no terraço do castelo, onde armaram toldos, e á fresca sombra, naquellas eminencias, dominando o vasto oceano além e os lindos panoramas que de todos os lados se disfrutam, os nossos hospedes tiveram ocasião de verem um dos mais lindos pedaços do mundo que olhos podem ambicionar.

Por todas estas privilegiadas estancias que os congressistas percorreram, manifestaram quanto lhes agradavam e até os surpreendiam, assim como o belo acolhimento que lhes era feito, o que delicadamente declararam em suas conversas, e com entusiasmo exaltaram nos brindes que fizeram.

Um desses brindes, feito pelo delegado inglês, traduz-se nestas palavras:

— Nenhum dinheiro no mundo paga esta belesa! Portugal é grandioso de alma, é unico de situação, é rico de sentimentos. Parece que se remoça, ao ver o esplendente sol da *Terra Portuguesa*, pátria de heroes, que primeiro lançára a civilização no mundo e que seguira passo a passo todas as evoluções humanas.

A reunião do Congresso Algodoeiro realisa-se entre os dias 8 e 11, em Barcelona, e nelle são representadas por seus delegados, a Inglaterra, Alemanha, Austria, Belgica, França, Italia, Holanda, Espanha, Suissa, Japão, India, America e Portugal, elevando-se o numero dos congressistas a 600.

Os delegados ao congresso por parte da Associação Industrial Portuguesa são os srs.: Custodio Bisarro, Alfredo de Brito, Adriano da Costa, Guilherme de Passos Costa, Manuel Thomaz da Costa, Carlos Joyce Diniz, Delfim da Silva Guimarães, Martinho da Silva Guimarães, Eugenio Leitão, Ferreira de Lima, Vicente Ribeiro, Thomaz dos Santos Junior, Driesel Schroster, Manuel José da Silva, José Syder, H. Taveira, e Anibal Vaz; pela Associação Industrial Portuense, os srs.: Jacintho de Magalhães, Eduardo de Almeida, Delfim Pereira da Costa, Belarmino Ferreira da Cruz, Cunha Moraes, Alves de Freitas, Manuel de Lemos, Miguel de Matos Almeida, Firmino de Oliveira, Marianno Pinto, Ortigão de Sampaio, Silva Pinto, Fernandes Torres e conde de Vizella.

Muitas são as teses apresentadas a este congresso, sobre cultura do algodão, seus tecidos e applicações, consumo, etc.

O nosso país, como consumidor, tem importado nos últimos annos uns cento e cincoenta milhões de kilos, o que representa uns seis mil contos para alimentar a sua industria algodoeira.

Uma nova industria em Portugal

Era tempo de fazer justiça á linda aldeia de que vamos escrever a respeito de uma nova e elegante industria que ali se fundou ha pouco; era tempo sim de denominar-se com um nome mais sonoro, mais agradavel, mais asseado o pitoresco quadro de bela paisagem, de verdejantes campos e colinas ensombradas de frondosos arvoredos e pomares floridos, donde imergem alegres casas de campo enfileirando se ao longo da larga estrada ou semeando-se pelos montes, formando um todo de natureza decorativa, colorida e risonha, qual é a aldeia da Porcalhota, sete kilometros ao norte de Lisboa.

Nunca se vira nome tão feio em coisa tão bonita; mas não perdeu com a demora; a desforra foi completa. O decreto publicado pelo governo presidido pelo sr. João Franco, mudou aquelle nome feio para o de Amadora, e assim ficou certo.

Desde então já lá se póde comer o celebre coelho, sem ideia associada de porcaria; desde então o nome de Amadora corresponde de facto ao aprasivel e amavel do logar, e para melhor se completar a regeneração, até ali se foi fundar uma industria elegante, tão elegante que ella interessa especialmente ao belo sexo na maior e mais constante preocupação da suprema elegancia — o espartilho — de que depende a perfeita modelação das fórmas feminis.

Não ha que duvidar; o cumulo da Amadora seria possuir uma industria que tanto interessasse ás damas, e tem-a.

Fôram os srs. Santos Mattos & C.ª que ali a fundaram, em 1895, em uma modesta officina com o pessoal apenas de seis operarias. A breve trecho, porém, a officina alargava-se porque os seus productos tinham procura, e então os industriaes adquiriam maior terreno e construíam uma fabrica que successivamente tem aumentado, chegando a empregar duzentas operarias, cujos salarios se elevam a 30:000\$000 réis annuaes, e a possuir todos os maquinismos mais aperfeiçoados desta industria, desde os que preparam as barbas de aço e de baleia até aos que completam o elegante espartilho que as senhoras e as meninas adoram.

Este facto é importante para a economia nacional, vindo acabar, ou pelo menos reduzir consideravelmente a importação estrangeira de espartilhos, e não só a de espartilhos, como uma outra muito atendivel, qual a de cintos abdominaes, facilitando extraordinariamente a aquisição d'estes cintos hoje tão aconselhados pela medicina, pois a fabrica dos srs. Santos Mattos & C.ª satisfaz de pronto qualquer encomenda deste genero sob as indicações dos facultativos.

Escusado é encarecer esta vantagem, assim como a da perfeição dos productos desta fabrica, sabendo-se que ella tem obtido os primeiros premios nas exposições de Paris, 1900, Açoriana, 1901, San Louis, 1904 e Rio de Janeiro, de 1908.

Deste modo, a produção da Fabrica de Espartilhos da Amadora sobe já a um crescendo de 75:000 espartilhos, além dos cintos hipogastricos, *corselets*, seios, *tourmures*, etc., pois todos estes artigos ali se fabricam, para realce das fórmas esculpturaes das senhoras, que tudo isto encontram no deposito desta fabrica, rua do Ouro, 123 e 125 num magnifico estabelecimento.

Foi esta fabrica que o sr. dr. Brito Camacho, ministro do fomento, visitou ha dias quando esteve na Amadora, assistindo a uma festa em sua honra promovida pelo Centro Escolar Republicano daquela localidade.

A casa submarina

por

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1164)

«Os outros virão tambem, segundo elles dizem, quando o homem grande que se chama Kess Denton, os deixe vir. Insistem em que os seus companheiros não são mais de quatro e dois d'elles estão feridos gravemente. Não tenho já cuidados com a parte inferior da casa submarina e assim fiz sciente a miss Ruth. Ha duas horas que está conversando com o capitão Nepeen. O seu character arrasta-a a sympathisar com esse homem valente e ao mesmo tempo de genio tão agradavel. Assim tinha de succeder.

«Uma hora mais tarde. — Alguns dos meus companheiros tencionam ir a terra para vêr se conseguem salvar os naufragos que fôram abandonados na ilha.

«E' uma empreza arriscada e que póde custar a vida a algum. Não lh'o prohibo, porque tambem vivi e soffri bastante n'esta ilha. Sim, ha ali homens a quem é preciso conservar a vida e talvez mulheres juntamente, e se d'elles se apoderou esse somno do qual se

não desperta nunca, ou se se desperta é com o juizo transtornado, então o amor pelo proximo aconselha-me a que tambem vá. Consultei o dr. Gray sobre o assumpto, que se manifestou duvidar da aventura.

— «Veja o que vae fazer, capitão, — me disse elle. — Não ha tambem mulheres a socorrer n'esta casa?»

«Miss Ruth que ouvia esta conversa, poz-me a mão sobre o hombro, e olhando-me d'uma maneira onde transparecia toda a sua alma, disse-me:

— «Capitão, espero que fará impossiveis para salvar esses desgraçados, não é verdade?»

«A minha resposta foi voltar-me para o capitão Nepeen e dizer-lhe:

— «Vou á ilha, capitão, quer vir commigo?»

«Dez horas da noite. — Mettemo-nos no bote ás dez horas da noite e remamos em direcção á praia. Estava uma noite esplendida, clara, com o céu recamado de estrellas e o mar tão brilhante como se fôsse de prata. As lanchas dos piratas com os cascos pintados de negro, pareciam manchas n'aquella brancura de luz, e o *yacht* de Czerny, todo negro, fazia lembrar um grande côrvo que andasse pairando ao NE. A ilha de Ken erguia-se como uma montanha sahindo do fundo do mar, com os seus cumes que a luz branca da lua parecia coroar de neve, e os seus bosques, os seus valles encantadores, os seus prados, tudo realçado pela suave claridade vinda do alto, que a tornava uma maravilha, um conto de fadas.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

Digressão pelo oeste do Algarve

III

(Continuado do n.º 1152)

SUMARIO: *Subida para Monchique. — Tornámos a ver os schistos e as estêvas. — Pitorresca estação thermal na serra. — Soutos de castanheiros e culturas em socacos a mais de 500 metros de altura. — Aparece emfim a graciosa villa de Monchique. — Curiosas chaminés phantasistas. — Variados quadros de linda paisagem serrana. — Longinquo panorama do alto da Foia... em dia claro. — Regresso a Portimão. — Divagações cosmogónicas. — Uma noite bem passada... — Admiravel situação de Silves e arredores. — Recordações que nos despertam as muralhas do castelo mourisco. — Uma Sé gothica toda de novo pintalgada. — Esboços nas ruas de Silves. — Regresso do auctor. — Linda madrugada do Barreiro a Lisboa. — Visão de uma fita cynamatographica ante o Terreiro do Paço. — Saudação ao bucólico Algarve de barlavento.*

Eis-me de novo instalado, proximo ao cocheiro, no carro do correio, que vae seguindo, ao trote das mures, o caminho da celebrada Monchique, que lá ao longe se recorta n'um delicado tom azulado; é pela fresca, o glorioso sol acaba de nascer n'um berço de rubras côres; a estrada vae a principio seguindo por alguns kilometros de fertes varzêdos, ladeados a um lado por uma série de altos montes arredondados, cobertos de basto arvoredos e pela planicie vae serpenteando um riacho de viçosas e floridas margens.

N'uma ou n'outra distanceada locanda apeiam-se viajantes, uns a comprar tabaco, outros a *matar o bicho*; tenho notado n'esta região a curiosidade de todas as casas de venda, quer nas grandes povoações, quer nas pequenas, terem todas suspensos por ganchos um pequeno quadro rectangular de madeira, com os letreiros do titulo, nome do logista e o sacramental *habilitado*, parecendo todas as taboletas feitas pelo mesmo modelo.

Desde certo ponto, os montes de um e outro lado da estrada tendem a aproximar-se e as mures estacam um bocado, e diz-me o cocheiro:

— Aqui agora começa a subida para Monchique e as bestas param sempre n'este sitio, para tomarem alento.

Vejo as horas, são oito e meia e pergunto:

— Então quando chegámos lá acima á villa?

— A's onze e meia, aproximadamente.

— Trez horas de subida contínua, hein! preciso é ter paciencia.

Os animaes é que não estão para se ralarem, e de um passo sempre vagaroso é que elles não sahem, e assim vamos subindo sempre entre montes pelas variadas curvas da estrada.

Desde certa altura torno a ver as stratificações schistósas, decerto característica geológica d'estas serras e egualmente os variados montes, como já tambem víamos, tem só por vegetação o matto de estêva alta, que totalmente os reveste; n'alguns d'elles pastam rebânhos de lindas cabras brancas, com malhas côr de canela.

A serra de Monchique alteia-se agora na frente já muito proxima e vêem-se-lhe, n'uma côr plumbea de varias gradações, as irregularidades mais salientes.

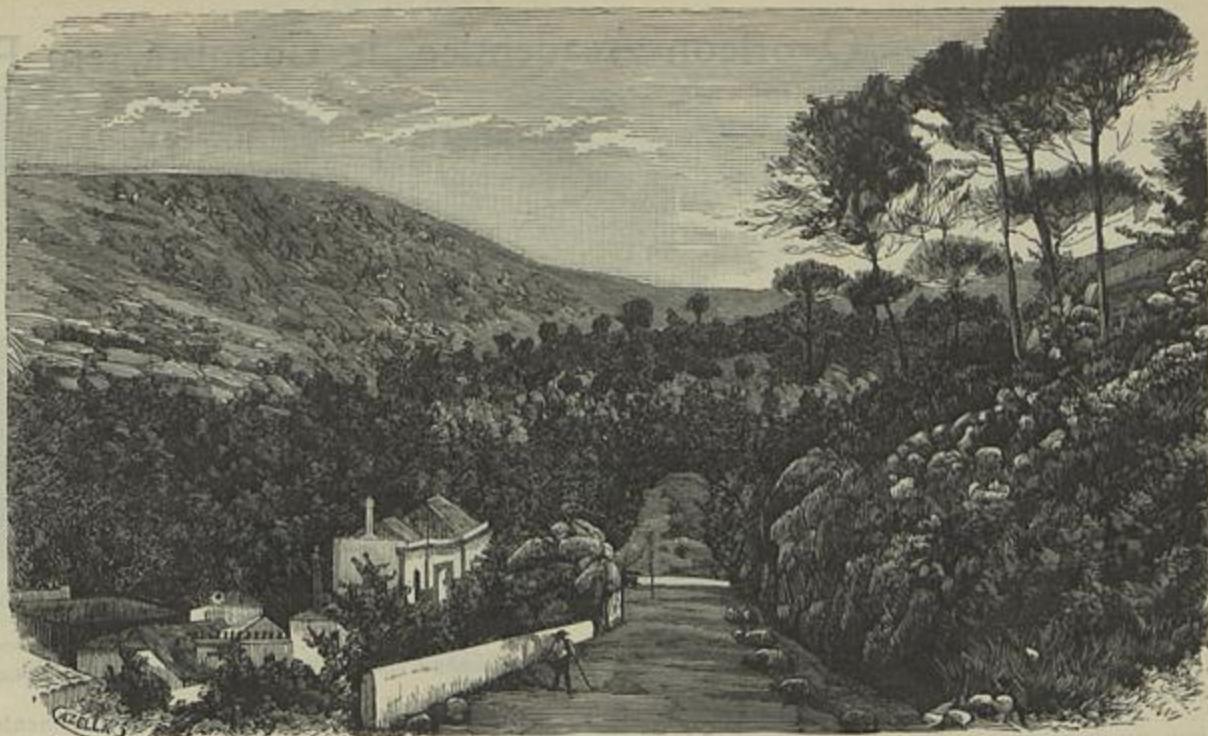
O carro atinge o nivel da série de montes, que vão por ali fóra, como n'uma debandada para os lados de Portimão e do mar, n'um curioso aspecto de enormes vagas, que se solidificassem.

N'um ou n'outro ponto irrompem do solo fráguas de granito as quaes, quanto mais alto se vae subindo, mais abundantes se tornam; desenha-se um arborizado valle ascendente, de forte declive e por ultimo a estação thermal de Monchique aparece n'uma curva da estrada, n'um pitoresco conjunto de fraguêdos, de *chalets*, de jardins e de frondosas arvores.

As Caldas são dois grandes casarões levantados ao extremo superior do valle, que vinhamos seguindo, rodeadas de pequenas estradas arborizadas, com varias casas, *chalets* e hoteis, tudo alindado de jardinsinhos, onde os aquistas, como sempre, passeiam ou leem á sombra, sentados; toda a estancia é entrecalada de respeitaveis rochas de granito, grandes como prédios, lembrando o conjunto graciosos trechos paysagistas de Cintra.

Continuamos a subida, que parece interminavel, e depois de o carro descrever varios lacêtes da estrada, sobranceiramente avisto agora lá em baixo toda a povoação das Caldas de Monchique, formando um gracioso quadro, todo grandiosamente emoldurado pela perspectiva dos innumerables montes, que a distancia vae esfumando, avistando-se por entre um ou outro a fita azul do mar largo.

A vertente de uma das serras de Monchique alteia-se á direita e n'ella divisam-se pelas encostas varios casaes rodeados de terrênos cultiva-



A ESTAÇÃO THERMAL DE MONCHIQUE

dos; por outros pontos negrejam macissos arbores e o carro, depois de uma larga volta em que a rodea, entra n'um vasto e compridissimo valle situado entre as duas enormes serranias, sendo a que fica á direita a imponente Foia.

A paysagem tem n'esta altura, superior a 500 metros, um aspecto surprehendente, que a vista não cessa de admirar, solicitada por variadas bellêzas; á lembrança acodem recordações da serra do Funchal, da do Bussaco, e das serranias que o Douro separa.

Enormes soutos de castanheiros de formosa e frêsa verdura embelezam por partes as encostas, n'outras destaca-se o verde escuro dos eucalyptos, a todas as alturas divisam-se brancos casaes, com suas hortas e variadas culturas.

Nos sitios onde a terra falta pelo muito declive, fizeram os montanhêses séries de socálcos de alvenaria, exactamente como no Douro, para tambem os habitantes cultivarem as suas produções agricolas.

A cada momento á direita e esquerda da estrada deparam-se deliciosos quadros de paysagem, a agua canta por varias partes, brotando por entre as fragas de granito, indo depois encanada, por conductos de telhas, regar as terras a grandes distancias.

Quanto mais se avança na estrada, sempre subindo, mais o enorme valle, ladeado das duas recortadas serras, se alonga na distancia por mui-

tos kilometros, esfumando-se os longes dos extremos n'um tenue veu de neblina azulada.

Finalmente, n'uma ultima curva aparece a decantada villa de Monchique, com a sua alva casaria, intercalada de quintaes, empoleirada pela serra da Foia acima; depressa chegámos ao largo dos Chorões, adornado a uma banda por um grande chafariz barrôco, e paragem obrigada de carrinhas, trens e automoveis, que mais além não passam, visto ali terminar o macdam.

A povoação tem, como a maioria das do Algarve, o identico aspecto de singela casaria caida, sem edificio algum interessante, que se destaque, visto a matriz ser um vasto, mas modesto templo, sem primôres de architectura; notabilisa, porém, a villa, a sua interessante disposição em presépio, pelas encostas e os muitos quintaes e jardinsinhos que a adornam.

A curiosidade, o que causa sempre admiração ao forasteiro, são as chaminés dos prédios, que tem todas o aspecto de pequenos monumentos sobre os telhados, característica aliás usual nas mais importantes povoações algarvias; raro é ver-se uma chaminé igual a outra e n'isto os pedreiros da região patenteiam uma fertilidade de inventiva extraordinaria.

Em geral, as chaminés são altas e formadas de complicadas molduras, de frestasinhas, e recortes nos remates e tudo avivado de variadas ultima analyse podem-se filiar estas interessantes chaminés em dois typos fundamentaes, uns de forma prismática, outros cylindrica, havendo-as tambem mixtas; de maneira que as chaminés, modestas no resto do reino, tomam no Algarve grande relêvo decorativo, e tem sempre mais que admirar de arte, que o restante do respectivo prédio.

Aqui em Monchique, o luxo d'ellas sobe de ponto e gastei tempo a desenhá-las algumas no meu album de algibeira, já estreado com outros *croquis* d'esta excursão, destinados a illustrar esta narrativa, e admirando ao mesmo tempo a variedade d'aquellas chaminés-adornos da localidade.

Sobraceiro á villa ergue-se, proximo a um eucaliptal, um antigo convento de franciscânos, com a sua igreja meio arruinada, n'uma situação deliciosa como amenidade e ponto de vistas, para o que os frades, como é sabido, tinham *dado* na escolha dos locais. D'aquelle sitio vê-se, na frente, a primeira alta serra, propriamente chamada de Monchique, a qual se avista de Portimão, agora d'ali observada pelo reverso e portanto interceptando, como uma cortina, o enorme panorama pelo Algarve fóra; para gosar essa formidavel vista, necessario era acabar de subir a serra da Foia, que por ser



UM ASPÉTO DA VILLA DE MONCHIQUE

O orfeon Academico de Coimbra, em Paris



UM GRUPO DE ESTUDANTES NA TORRE EIFFEL — ESTUDANTES PORTUGUESES E FRANCESES NA ASSOCIAÇÃO ACADEMICA DE PARIS

Sobre esta visita do Orfeon Academico de Coimbra a Paris, os nossos leitores já tem conhecimento pelo que esta revista publicou a paginas 79 do numero 1162, por isso nos limitamos a reproduzir os dois instantâneos, que são mais uma prova da confraternização dos estudantes portugueses e francezes, na grande capital do mundo.

muito mais elevada deixa o olhar extasiar-se pelos longinuos accidentes paysagistas da provincia; preciso é no entanto que o ar esteja diáfano, sem nebelina á distancia, como succedeu na nossa jornada, o que me tirou o desejo de fazer o resto da ascensão.

Pelo seguimento do encantador e enorme valle, que separa as duas serras, avistam-se mattas, as séries de socalcos cultivados, os casaes aos centos, todos elles habitações floridas de aquelle povo tão trabalhador, formando um conjunto de innenarravel bellêza, pelo grandioso, pela frescura, e pelo macio colorido em que tudo parece envolvido.

Do alto da Foia a vista estende-se tambem

para oeste, para Aljezur até ao Atlantico, atravez um encadeamento de serranias mais ou menos cultivadas, formando tudo um complicado systema orographico de muitas dezenas de kilometros quadrados; comprehende se o viver isolado dos habitantes de tão vasta região serrana, os quaes só raramente vão ás grandes povoações da planicie vender os seus productos agricolas, assim não admira a resposta dada por um d'esses montanhêses a quem perguntavam:

— Diga-me cá, afinal vocês d'aqui são do Algarve ou do Alemtejo?

— Nós nem sômos algarvios, nem alemtejanos, somos monchiquenses

Por pouco mais se declarariam autónomos,

como os do principado de Mónaco ou da republica de Andorra.

O ponto da serra de Monchique em que maior encanto atinge tão bella natureza, são os Piões, formando uma extraordinaria paysagem em sitio muito entranhado na serra, em que as rochas, a vegetação luxuriante, e as quedas de agua se congregam para o tornar um logar paradisiaco.

Pela tarde, com saudade, me apartei de tão deliciosos sitios, refazendo novamente a jornada em regresso a Portimão.

(Continúa.)

RIBEIRO CHRISTINO.

Collegio Francêz * Instituto primario e secundario

Auctorisado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

|| LISBOA ||

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi-internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitório, casa de banho com todas as comodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorisados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviem-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815

Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis